

UM SOPRO, UM VENTO E UMA PRESENÇA: TRAÇOS DO ESPÍRITO SANTO NO PRIMEIRO TESTAMENTO

Leandro Rafael Evangelista¹

Resumo

A presente reflexão objetiva contribuir com o estudo da pneumatologia e parte de uma consideração da *rûah* de Deus no Primeiro Testamento, levando em conta a diversidade desse conceito na Escritura. Entre o leque de compreensão acerca dessa realidade, destacam-se os aspectos do sopro, do vento e da presença como um dos principais atributos. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizou-se o método analítico bibliográfico. O resultado dessa pesquisa apontou que a noção da *rûah* acompanha o processo histórico do povo, sem perder os atributos acima citados, tendo em vista sempre a imagem do Espírito Santo como uma força/ação de Deus na vida de toda a criação.

Palavras-chave: Sagrada Escritura. Rûah de Deus. Pneumatologia.

1 INTRODUÇÃO

A pneumatologia por muito tempo esteve às margens da reflexão teológica. O estudo acerca do Espírito Santo, em comparação com outros campos da teologia, não ocupava expressivo espaço nos círculos de debates. Sobre Jesus, o Filho de Deus e centro da nossa vida, muitos conhecimentos foram desenvolvidos, grande obras foram redigidas, amplas reflexões foram alcançadas; todavia, sobre o Espírito, além professar a fé em sua existência, por muito tempo não houve quem se atrevesse a entrar em detalhes. Os primeiros indícios para a superação dessa carência aparecem na virada no milênio (Böhuke, 2020, p. 11) com a ascensão de uma pneumatologia que entende o Espírito como uma luz cálida de onde se contempla toda a realidade e toda a teologia (Codina, 2010, p. 6).

¹ Graduado em filosofia e teologia, mestrando em teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail para comunicação: leandroraefael45@yahoo.com.br

No intuito de procurar colaborar com esse reflorescimento da pneumatologia, e que seja permeada por uma criticidade capaz de dinamizar a vida da comunidade dos crentes e de todos os homens e mulheres de boa vontade, faz-se necessário retomar as primeiras fontes que relatam a manifestação daquele que em tempos posteriores a tradição cristã o denominou Espírito Santo. As fontes aqui referenciadas são as escrituras do Primeiro Testamento, onde aqui o Espírito é nomeado por primeiro pelo termo hebraico de *rûah*. E é exatamente sobre a explanação desse conceito que essas próximas linhas têm como objetivo.

O Espírito Santo na Sagrada Escritura, de maneira especial no Primeiro Testamento, é um elemento de múltiplos aspectos. Tentar defini-lo a partir de um só conceito é algo totalmente inviável. Da mesma forma como os textos sagradas são diversos em suas estruturas, gêneros e contextos, essa mesma diversidade também pode ser aplicada a noção de Espírito. Portanto, uma autêntica pesquisa pneumatológica no universo bíblico terá sempre no horizonte do seu desenvolvimento essa realidade variada.

2 A RÛAH E SUAS DIVERSAS ACEPÇÕES

Na conjuntura do Primeiro Testamento, o termo espírito ocupa um lugar de destaque. Pode ser entendido desde os tempos mais antigos para descrever e explicar a ação e o movimento de Deus, o poder divino que trabalha sobre as pessoas e dentro delas. Tomando a língua hebraica, de maneira geral, o conceito em questão é traduzido como *rûah*, e aparece em média 380 vezes ao longo dos escritos veterotestamentários. É uma palavra hebraica do gênero feminino, que foi traduzida para o grego na septuaginta como *pneuma* e para o latim como *spiritus*, respectivamente com os gêneros neutro e masculino.

Como dito antes, não se pode assumir um único significado para o termo *rûah*. A sua definição corresponde ao contexto que o abraça, sem perder de vista os elementos essenciais que o associa como algo vindo do próprio Deus. Nos textos mais antigos, *rûah* significa a corrente de ar que se

revela no soprar do vento, podendo ser por sua vez uma brisa (Gn 3,8; 2 Rs 19,11), um vento (Gn 8,1; Nm 11, 31; 2 Sm 22,11), um vento de tempestade (Ex 10,13; 1 Rs 18,45; Is 32,2). Isso tudo leva a pensar a *rûah* como o vento que não se pode ver nem pegar, que não se deixa prender, e que ao mesmo tempo permeia toda a existência.

A *rûah* é o sopro do vento caracterizado por um mistério insondável e por muitos aspectos, que aparentemente se contrapõem, mas que na verdade possuem uma única origem. Em algumas situações é manifestado como uma força irresistível, que abala as casas, os cedros e os navios em alto mar (Ez 13,13; 27,26); às vezes se mostrando como um simples murmúrio (1 Rs 19,12); outras vezes ressecando com seu sopro a terra estéril (Ex 14,21); e ainda aspergindo sobre esta mesma terra seca água fecunda capaz de germinar a vida.

Além desses apontamentos, existem três significados fundamentais que ajudam a definir o conteúdo do termo *rûah* na literatura dos primeiros livros hebraicos: a *rûah* como um vento de Deus, um sopro de vida e um espírito de êxtase. Como um vento de Deus, a *rûah* fez as águas do dilúvio diminuírem (Gn 8,1), fez com que os gafanhotos atacassem o Egito como castigo ao faraó (Ex 10,13), e fez com que as codornizes do mar fossem para o acampamento dos israelitas que reclamavam contra Deus (Nm 11,30). Também foi este mesmo vento que separou as águas do mar vermelho no dia que o Senhor libertou o seu povo da terra da escravidão (Ex 14, 21).

O segundo significado refere-se à *rûah* como um sopro de Deus, o mesmo sopro que fez do homem um ser vivente (Gn 2,7). A crença contida nos textos do Primeiro Testamento é clara sobre este aspecto. O ser humano só vive por causa da agitação do sopro divino ou até mesmo da presença desse mesmo espírito dentro dele (Gn 6,3; Jo 33,4; 34,14-15), e consequentemente, a morte equivaleria ao retorno desse mesmo sopro de vida a Deus (Jó 27,3; Sl 104,29; Ecl 3,18-21). A *rûah* aqui é uma força vivificante, capaz de fazer com que o homem inspirando e espirando tornasse um ser vivente. A respiração torna-se aqui sede e portadora da vida, fonte

de vida para todo o ser vivente. É na *rûah* que o ser humano encontra a duração dos seus dias, a vida do homem depende desse sopro; bem como também, na ausência dela, quando Deus retira de volta o seu hálito, a vida desaparece na morte. “O sopro de vida é só emprestado ao homem por breve tempo, isto é, para o seus dias sobre a terra. Não pode dispor a bel prazer (Sab 15, 8,16)” (Bauer, 1973, p. 367).

O terceiro apontamento possível a ser feito sobre a *rûah* no Primeiro Testamento versa sobre como este poder divino pode agir na vida das pessoas. O espírito, em muitas passagens, principalmente no período pré-monárquico, agia na vida das pessoas possuindo-a por inteira, fazendo que suas palavras e ações fossem além dos limites da normalidade daquela pessoa. Claramente aqui se percebe uma realidade de possessão, aonde aqui o espírito vindo de Deus tomava o sujeito por inteiro, tornando-o um agente do propósito do Senhor, promotor de sua vontade. Prova dessa manifestação foram os juízes Otoniel (Jz 3,10), Gideão, (Jz 6,34), Jefte (Jz 11, 29) e Saul, o primeiro rei de Israel (1Sm 11,6). Além desses, os profetas, que outrora eram chamados de videntes, também vivenciaram essa mesma experiência, ou até mesmo mais intensa.

Aos profetas cabe a designação de serem os preferidos do espírito; eles agem sendo possuídos pela *rûah*, são os homens revestidos pelo espírito, repletos da força do Senhor, tendo consigo o direito e poder para anunciar a Jacó seus pecados e a Israel sua culpa (Mq 3,8). A ação do espírito é tão expressiva na vida dos profetas que esses passam a serem transformados em outros homens como nos diz 1Sm 10,5-6: “Então espírito [o sopro] do Senhor virá sobre ti, entrarás em transe com eles e serás transformado em outro homem”. Para constatar a afinidade entre o espírito e o profeta, Isaías chega a dizer que a aliança que não é feita de acordo com o espírito de Deus está em oposição à vontade do mesmo espírito, que é manifestada no profeta como a boca do Senhor (Is 30, 1s; 48,16).

Dentro da conjuntura da identificação da *rûah* de Deus é importante que se ressalte o aspecto messiânico. Entre o espírito e a figura do Messias,

que é de grande importância para a história e a teologia do povo de Israel, há uma relação especial. O povo após recusar a liderança política dos juízes, vão a Samuel para pedir um rei que seja capaz de julgá-los segundo os outros povos (1Sm 8,5). Mesmo contrariado, Samuel vai e cede ao desejo do povo, estabelecendo Saul como primeiro rei, derramando óleo sobre sua cabeça e o exortando a governar o povo de Deus e ao mesmo tempo o libertando das mãos dos seus inimigos (1Sm 10,1s). Nesse gesto da uncão encontra-se a raiz da teologia da messianidade, que será acentuada no período pós-exílio, e que alimentará a fé e esperança do povo ao longo da história. O Messias, isto é, o ungido, agirá sempre impelido e imbuído pelo *rûah* de Deus. Sobre ele repousará o espírito do Senhor, espírito de sabedoria, discernimento, de conselho, de fortaleza, de conhecimento e de temor do Senhor (Is 11,1-2). A ação que a *rûah* de Deus desempenha no Messias é uma ação projetada para o futuro; aponta-se para uma era vindoura, que é a era da ação do espírito do Deus “que estará sobre o Messias e o conduzirá. E este conduzirá o povo, impelido pelo Espírito do Senhor” (Berkenbrock, 2021, p. 105). Percebe-se com isso, que dessemelhante dos juízes, onde a *rûah* de Deus desenvolve uma presença impermanente, sobre os reis, onde aqui se destaca Davi e sobre o rei messiânico, o espírito vem e se estabelece (McKenzie, 1983, p. 278).

Outro aspecto da *rûah* no Primeiro Testamento tem a ver com a sua não oposição ao corpo, àquilo que é corpóreo, pois ela não é uma força desencarnada, mas sim animação de um corpo. Posteriormente, a *rûah* será apresentada como contrapondo a realidade carnal, isto é, a tudo que se refere à *sark*, associada a tudo aquilo que é puramente terrestre do ser humano, simbolizada pela finitude, fraqueza e caducidade (Gn 6, 3).

Ives Congar, na construção da interpretação da *rûah* de Deus, aponta para algumas qualificações acerca dessa presença. Para ele, a *rûah* é espírito de entendimento (Ex 28,3), de sabedoria (Dt 31,3; 34,9) e de ciúme (Nm 5,14). Chega até mesmo destacar um espírito mau que vem da parte do Senhor (Sm 16,14; 18,10). Em linhas gerais, Congar classifica a *rûah* como

um vento, um sopro, uma força viva no homem, princípio de vida, sede do conhecimento e dos sentimentos, força de Deus, por onde ele age e faz agir, seja na realidade física ou espiritual. É o espírito que qualifica o sujeito a expressar no mundo vários efeitos, o tornando líder, profeta, um homem religioso (Congar, 2009, p. 17).

3 UM PARALELO ENTRE A RÚAH E A SHEKINÁ DE DEUS

Ao se deparar com a diversidade de significados da noção da *rúah* nos livros do Primeiro Testamento, cabe aqui apontar o comentário de Jürgen Moltmann sobre a relação entre o espírito de Deus e a categoria divina da shekiná. Moltmann define a shekiná como o “armar a tenda” e o “morar” de Deus junto ao seu povo. E esta presença não se restringe somente na caminhada junto à arca, mas também quando povo esteve sob o julgo dos babilônicos no exílio, quando a terra e o templo lhes foram tirados, Deus passar a inabitar no seu povo. “Essa presença se manifesta na comunidade dos orantes, nas sinagogas, no colégio dos juízes, no meio dos pobres, dos doentes etc” (Moltmann, 1999, p. 56). As alegrias e os sofrimentos do povo são compartilhados com a shekiná, que aliás, não pode ser entendida como uma propriedade de Deus, mas sim como a própria presença de Deus. É uma presença especial, gloriosa, querida e prometida de Deus no mundo. A shekiná expressa à presença de Deus na vida do seu povo.

Assim, a partir do pensamento de Moltmann, por mais que haja aspectos semelhantes entre a *rúah* de Deus e a sua shekiná, e que a teologia de uma ajude a compreender a teologia da outra, na literatura judaica, não se pode colocar estas duas realidades como sinônimos. O que se pode dizer é que a compreensão de shekiná se aproxima mais da compreensão que os cristãos desenvolveram acerca do Espírito Santo do que propriamente da *rúah* do Primeiro Testamento. O teólogo alemão chega a afirmar que a doutrina da shekiná torna claro o caráter pessoal do espírito; bem como também a quenose do espírito, que revela a

vulnerabilidade de Deus e a sua capacidade de sofrer por amor; e a sua sensibilidade expressada no movimento de participação nos sofrimentos, nas tristezas, nas fraquezas e nas alegrias do povo (Moltmann, 1999, p. 59). Todos esses aspectos só serão assumidos na pneumatologia do credo cristão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a noção de *rûah* no Primeiro Testamento é muito abrangente. Constatase uma progressão do conceito ao longo da história do povo de Israel narrado nos textos sagrados, tendo em vista uma percepção mais universal, ligando-o mais estreitamente a Deus. A princípio, a *rûah* designa o vento, uma força misteriosa e irresistível pela qual Deus executa seus planos na criação e na história da salvação. A *rûah* também é entendida como uma respiração, um sopro, responsável pela vida dos homens e de todos os animais. Esse sopro acompanha o ser vivente desde o seu primeiro momento de vida até o seu fim, quando a *rûah* retornar para Deus. Este sopro de ar, que vem do alto, possui um caráter de unidade, pois nele, que está presente em todas as partes, o universo mantém a sua harmonia.

Percebe-se que nos textos mais antigos a ação da *rûah* era vista com uma certa desconfiança, principalmente em manifestações como o transe no período profético. Com o desenrolar do tempo à religião de Israel passa assumir a ideia do espírito de Deus agindo em alguma situação, por mais que aqui ainda não se aponte para a categoria de personalização. Entre essa abrangência de compreensões, o que se pode ter clareza que essa *rûah*, chamada de espírito, sopro, vento e presença divina, age na história, na vida das pessoas, em toda a criação, no agir humano de discernir e tomar decisões, na renovação da terra e do coração do homem, sempre movido por essa força a uma dinâmica de conversão.

REFERÊNCIAS

BAUER, Johannes B. *Dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Loyola, 1973. 1 v.

BERKENBROCK, Volney J. *O Espírito Santo Deus em nós: uma pneumatologia experiencial*. Petrópolis: Vozes, 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BÖHNKE, Michael. *O Espírito de Deus na ação humana: pneumatologia prática*. São Paulo: Paulinas, 2020.

CODINA, Víctor. *Não extingais o Espírito: iniciação a pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONGAR, Ives. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2009. (Creio no Espírito Santo, v.1).

DICIONÁRIO Bíblico Tyndale. Santo André: Geográfica, 2017.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1993.

MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONLOUBOU, Louis; BUIT, F.M. *Dicionário bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2003.

VALLÉS, Carlos G. *A era do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1995.